

volve homem, coisas, equipamentos coletivos de percepção, memória, comunicação, modelos, atos e matérias as mais variadas.

8. As tecnologias intelectuais estão *fora* dos sujeitos como objetos técnicos, entre os sujeitos como códigos partilhados – textos que circulam –, e nos sujeitos, na imaginação e aprendizagem.

Deste modo, fica claro que o leitor tem muito a aprender, refletir e pensar com as novas terminologias, conceitos, idéias, informações, em síntese, com todas as questões que suscitam *As tecnologias da inteligência*. Visto seu abrangente leque de pesquisas – informática, psicologia, psicanálise, comunicação, po-

lítica, história, antropologia, sociologia, em suma, saberes e poderes que atravessam nossa atualidade –, não temos dúvidas que ele irá interessar e ser útil a todos aqueles que se preocupam com o conhecimento e o devir da humanidade, mesmo que muitos de nós, brasileiros, estejamos distantes do silício e próximos do barro.

Maurício Mangueira é psicoterapeuta, professor-assistente da Universidade Federal de Sergipe, doutorando no Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

O 'ESTRANHO' LIVRO DE ELIANE FONSECA: A GEOGRAFIA DA (IN)SENSATEZ DA PALAVRA

Fernando Teixeira Silva

A palavra in-sensata, Eliane Fonseca. São Paulo, Escuta, 1994. p. 132.

A palavra in-sensata, de Eliane Fonseca, une a estranha convivência de múltiplas experiências de devires: escritora, psicanalista e pesquisadora. Eliane produz no leitor um estranhamento. Tal estranhamento, por vezes desconfortante, começa já por seu título: que lógica há em dizer que numa só palavra possa coexistir insensatez e sensatez? Mas o estranhamento neste livro está presente também no fio-mestre que direciona sua tessitura, qual seja, a sensação de que há algo em comum no fazer artístico e no fazer psicanalítico especificamente em seus devires poeta e psicanalista.

Esse estranhamento, segundo a autora, é provocado por algo que ela chama de 'procedimento estético'. Procedimento que se sus-

tenta numa palavra de ordem: a suspensão do sentido habitual das coisas. Isso significa dizer que tanto na arte como na sessão analítica há transmutação da linguagem, ou seja, a palavra devém outra coisa além de seu significado cotidiano, o discurso racionalmente estruturado dá lugar à desrazão do discurso.

O devir-pesquisador em Eliane arrolando as semelhanças e diferenças existentes entre os territórios da psicanálise e da arte busca refúgio, a princípio, na exposição dos estudos psicanalíticos (Sigmund Freud, *Das Unheimlich*) e estéticos (Victor Chklovski, *A arte como procedimento estético*) acerca do estranhamento. Mas chega um momento no livro que, dos estudos citados, guardamos ape-

nas uma lembrança alegre da memória triste. É que nesse momento a palavra da autora se torna mais viva, mais alta, mais sensata, quase um gaguejar que dispara um canto. É quando ela decide revelar seu mais íntimo enigma: acreditando que o devir-poeta e o devir-psicanalista estão submetidos à mesma ordem de transmutação das palavras que os obriga a construir formas de sustentar, respectivamente, a sensação poética e a vivência puramente expressiva do paciente, o devir-pesquisadora tentará, até o fim do livro, construir uma forma à sensação de que é possível escutar uma sessão analítica da mesma maneira que se lê um poema.

Até aqui o leitor sabe que a matéria-prima comum ao devir-poeta e ao devir-psicanalista é a palavra. De um lado, o devir-poeta tem a palavra escrita, e de outro lado, o devir-psicanalista tem a palavra falada. Eliane dirá então: se ao poeta é reservada a necessidade de saber manejar as sensações, ao psicanalista é imposta a necessidade de saber manejar a transferência. Logo, por meio das diversas maneiras de realizar este manejo, resultam as novas possibilidades de criação de formas belas e métodos de trabalho. Mas o que será que impede que os terrenos da poesia e da psicanálise, mesmo tendo a mesma matéria-prima como natureza, se confundam indistintamente? Este é, a meu ver, o momento no qual o devir-Eliane se entrega ao caos, deixa-se ser invadida para que retire do caos a forma possível que sustente essa sua sensação de semelhanças e diferenças entre psicanálise e poesia.

Assim como as crianças que, quando apavoradas lançam mão de ritornelos (canções) que as ajudem a sair de situações de muito medo, ou como os pássaros que cantam para comunicar aos outros o seu território, Eliane introduz também o seu ritornelo: o ideograma chinês. O ideograma chinês é o canto

de Eliane que serve para tirar o leitor do impasse (poesia e psicanálise?), que esculpe a forma criada por ela a sua sensação de estranhamento e que, por fim, avisa ao leitor os limites dos territórios da clínica de Eliane Fonseca: uma clínica que se localiza entre a poesia e a psicanálise, uma clínica do estranho. O ideograma chinês é seu ritornelo, seu endereço, e a escuta (in)sensata de Eliane é sua morada, é o que define sua clínica e o que a coloca entre a poesia e a psicanálise. Aqui, a arte já não nos parece assunto dos deuses e nem tampouco a psicanálise se assemelha a passatempo para loucos.

Indubitavelmente, este é um livro para o gosto daqueles mais in-sensatos. Um livro que, no que há de irônico, embala o leitor inocente numa cançãozinha em direção ao caos provocado pela suspensão dos sentidos habituais das palavras, pela transmutação dessas palavras em um devir-ideograma chinês, um devir-poeta, um devir-pesquisador; e, por fim, um livro que desperta o leitor para a visão de um território cartografado às custas de sensibilidade de poeta, de experiência de psicanalista, de coragem e medo, de susto e pavor, de fragilidade e competência. Ou seja, este livro é ele próprio uma cartografia micropolítica da in-sensatez de Eliane Fonseca para com as palavras que, em associação livre, se encadeiam no vento, na ventania, e que dão forma às sessões analíticas onde tudo pode vir a ser sonho. E será que não são mesmo sonho? Está posto, pois, o estranho livro de Eliane Fonseca.

Fernando Teixeira Silva é psicólogo clínico, mestre em psicologia clínica pela PUC-SP e psicólogo na Clínica de Urologia do Hospital das Clínicas de SP.